

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

217

INSCRIÇÕES 774-776



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2021

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Todos os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:  
[fe.revista@uc.pt](mailto:fe.revista@uc.pt)

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas  
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

ARA ROMANA DO MONTE DO CLEMENTE  
(ASSUMAR, MONFORTE)  
(*Conventus Pacensis*)

Ara romana identificada no Monte do Clemente (coordenadas 39° 08' 59" N, 7° 29' 30" W), freguesia de Assumar, concelho de Monforte. Pertence o monte a familiares do Conde de Murça, cujos rendeiros facilitaram a sua cedência para ser guardada nas instalações da Câmara Municipal de Monforte<sup>1</sup>.

A descoberta vem na sequência das informações colhidas por um de nós (C. F. – FIG. 1), que, seduzido pelas descrições de Mário Saa, deu em percorrer esses montes e, numa dessas andanças encontrou as ruínas do Monte do Clemente, onde identificou também restos de estruturas arquitetónicas antigas e até peças de granito pertencentes a um lagar de vara, provavelmente romano.

O monumento estava no meio de entulho atribuível a várias épocas, resultante, como conseguimos apurar junto do rendeiro da propriedade, do desmoronamento natural da velha casa. Há também restos dum lajeado que encosta a um muro de aparência romana.

De granito da região, a ara (FIG. 2), moldurada nas quatro faces, tem uma forma que recorda monumentos dessa área geográfica, inclusive pelo aspecto robusto que as dimensões da base (29 x 51 cm) lhe conferem, a indicar que, dela, apenas a parte superior – rudemente moldurada, aliás, com toro saliente

---

<sup>1</sup> Agradecemos à Dra. Paula Morgado, arqueóloga municipal, as diligências prontamente feitas para que o monumento desse entrada no Gabinete de Arqueologia da C. M. de Monforte.

seguido de ranhura – não ficaria enterrada. O capitel apresenta toros laterais lisos, de 5 cm de altura, a enquadrar a face superior lisa (?); está separado do fuste por moldura (com um total de 18 cm de altura) de três toros e dois meios-redondos côncavos.

Ostenta inscrição no fuste assaz danificado, o que muito dificulta a identificação dos caracteres, dificuldade que se manteve, nomeadamente nas linhas 4 a 6, mesmo após o recurso ao tratamento digital das imagens<sup>2</sup>.

Dimensões: 104 x 42,5/32/51 x 40/35/44.

Campo epigráfico: 50 x 32.

Letras mui descuidadas, irregulares no traçado e nas dimensões.

No começo da l. 1, antes do O, bem circular, descortina-se bem a letra C; a 3ª letra será V, de que se adivinha a haste esquerda; e há uma haste vertical de traçado não muito nítido devido ao esboroamento que a superfície sofreu aí; depois, parece estar TI. A leitura *Coutius* afigura-se-nos, pois, verosímil, estando o S no começo da l. 2. Nesta, depois do espaço, poderá ler-se TVRE, estando o I no debrum. Na l. 3, F, espaço e A seguido de espaço para duas letras. A hipótese ARE/NT[IO] afigura-se-nos possível; na l. 5, ilegível, estaria o epíteto divino.

Na l. 6, foi gravado A L · , não se distinguindo a 3ª letra. É a fórmula votiva final A(*nimo*) L(*ibens*), faltando S(*olvit*) ou P(*osuit*), inclinando-nos mais para P(*osuit*), com base no facto de se tratar de um monumento de singulares dimensões.

Propomos:

COVTI[V]/S · TVRE[I] / F(*ilius*) · ARE/NT[IO] [?]/<sup>5</sup>  
[ANC?]/ A(*nimo*) · L(*ibens*) · [P(*osuit*) ?]

Cúcio, filho de Tureu, colocou, de livre vontade, a Arêncio (...)

---

<sup>2</sup> Agradecemos, mui penhoradamente, a Alexandre Canha as diligências persistentemente feitas para obter uma visibilidade melhor dos esbatidos caracteres gravados.

Será o segundo testemunho do culto a esta divindade indígena encontrado no *Conventus Pacensis*, quando a maioria dos seus testemunhos provém da área central da Lusitânia, o que também demonstra a permanência de um estrato cultural pré-romano, como o prova igualmente a identificação do dedicante, à maneira indígena. *Coutius* é antropónimo lusitano<sup>3</sup>, assim como o seu patronímico *Tureus*, que Vallejo Ruiz considera «antropónimo lusitano en área tipicamente indígena» (2005: 441), área que, porém, com estes exemplos se alarga um pouco mais para Sul, ultrapassando o rio Tejo.

É bem possível que a divindade venha identificada com um epíteto tópico ou etnonímico; contudo, o mau estado da epígrafe ao nível das linhas 4 e 5 impede-nos de avançar com uma hipótese de interpretação.

Pela tipologia e atendendo ao que se conhece da epigrafia da zona, esta ara funerária poderá ser datável da 1ª metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
CALHAU FERRO  
JORGE DE OLIVEIRA

---

<sup>3</sup> VALLEJO RUIZ, José María (2005) – *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, p. 295.



774



2

774